

13 OUT 2001

Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) completa um ano de funcionamento em Brasília. Comunidade artística local aplaude a vinda de espetáculos de qualidade ao Distrito Federal ao mesmo tempo em que condena o pouco apoio dado pelo centro às produções da cidade

Tapas e beijos

Klecius Henrique
Da equipe do **Correio**

Carlos Vieira 25.06.01

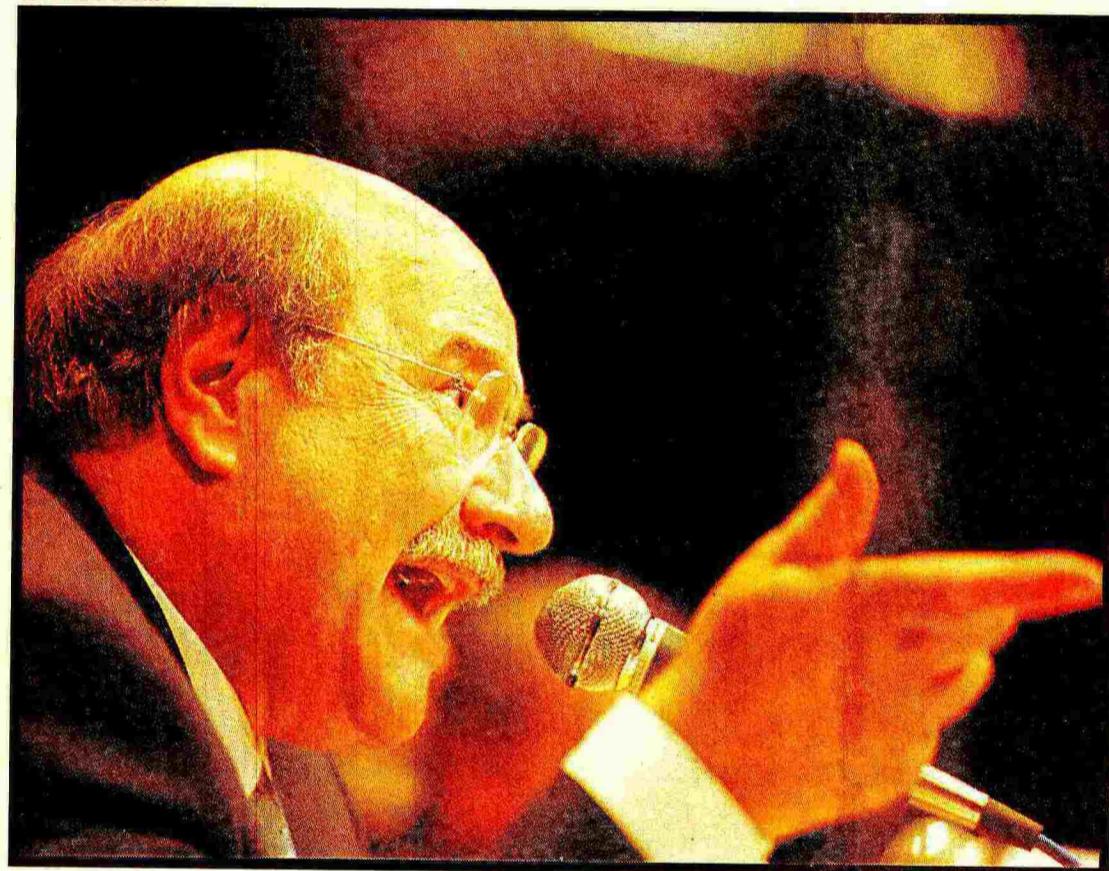
Nem tudo é festa no aniversário do Centro Cultural Banco do Brasil do DF. Inaugurado há exatamente um ano, o CCBB-DF é elogiado pelas atrações que traz a Brasília ao mesmo tempo em que é criticado pela comunidade artística por ainda investir pouco na produção local. A presença de grupos e artistas plásticos de Brasília no palco ou na galeria do centro do Setor de Clubes Esportivos Sul foi exceção neste primeiro ano.

Entre elogios e críticas, os primeiros prevalecem. Ficam por conta da programação variada. No teatro, trouxe peças como *Bugaria* (Moacir Chaves) e *O Rei da Vela* (Enrique Diaz), a polêmica *O Príncipe de Copacabana* (Gerald Thomas), *Beijo no Asfalto* e *Hamlet* (Marcus Alvisi). Os dois primeiros espetáculos certamente não viriam a Brasília se não fossem trazidas pelo CCBB. Todos esses espetáculos tiveram preços populares de R\$ 20,00 (inteira) — valor bem abaixo do praticado, por exemplo, pelas peças apresentadas na Sala Villalobos, no Teatro Nacional.

“A qualidade das produções está acima da média, apesar de aparecer coisas como *O Príncipe de Copacabana*”, opina o diretor de teatro Genilson Pulcineli. A presença constante de espetáculos do eixo Rio-São Paulo incomoda o diretor de *Cartas de um Sedutor*. “Eles continuam priorizando o produtor externo. Parece que o que vem do Rio e São Paulo é muito bom e o daqui há de se julgar”, opina Pulcineli. Em um ano, apenas duas peças do DF foram apresentadas no CCBB: *Docenovembro* (Júlio Crucioli) e *Colóquio Dentro de um Ser* (James Fensterseifer).

As críticas vêm também de quem elogia. Em geral, são construtivas. Além da reduzida participação dos brasilienses na programação, são apontados a burocracia para o acesso aos recursos do CCBB e o horário de funcionamento do teatro, da galeria e do café, bastante diferente do que tradicionalmente havia em Brasília.

A situação se repete nas artes plásticas. A queixa específica se



A VINDA DO ESCRITOR CHILENO ANTONIO SKÁRMETA À CIDADE FOI UM DOS DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO DO CCBB

refere ao horário de funcionamento da galeria (apenas das 13h às 19h30), que impede, por exemplo, que o público trabalhador faça um programa “casado”: assistir a uma peça (às 19h ou 20h) e em seguida ver as exposições (quando a galeria já está fechada).

Nomes como Waltércio Caldas, Tunga e Amilcar de Castro, ou a imperdível mostra *Gráfica Utopica — Arte Gráfica Russa 1904-1942*, atualmente em cartaz, compensariam esse programa “casado”. À exceção dos especialistas e artistas, é raro encontrar alguém que vá ao SCES apenas para ver as exposições. “Houve uma melhora na visibilidade da arte. No entanto, está faltando trabalhar mais com a cidade”, reforça a artista plástica Sônia Paiva.

PANORAMA ARTÍSTICO

“**T**entamos montar uma programação que não seja exclusiva de artistas de Brasília, do Brasil ou de fora. O que queremos é trazer um panorama do que há de melhor no cenário artístico. Nas galerias, tive-

“O CCBB PROCURA SER UM CENTRO DE QUALIDADE E DE PROGRAMAÇÃO CONSTANTE. COMO SE FAZ ISSO? COM EVENTOS DAS MAIS DIVERSAS LINGUAGENS E SEGMENTOS”

PAULO DE TARSO SANTOS,
diretor do CCBB-DF

José Varela 31.07.00



mos Adriana Varejão, que está no Guggenheim (Nova York), Tunga, que expõe no Jeu de Paume (Paris), e Waltércio Caldas, que é do mundo. Ou seja, Brasília recebeu uma metralhada da produção de artes plásticas do Brasil. É um ineditismo para a cidade, com projetos de qualidade”, rebate o diretor do CCBB-DF, Paulo de Tarso Santos.

O produtor Claudinei Pirelli concorda com Paulo de Tarso. No entanto, faz coro com os colegas segundo os quais o CCBB-DF ainda não tem perfil próprio. “O CCBB não deixou muito claro o que quer, que tipo de atividade quer desenvolver, qual a cara

que tem ou quer ter”, diz, implorando por “mais aproximação” com Brasília. Paulo de Tarso poderia apontar o curto tempo de funcionamento. Não o faz. Prefere não alimentar expectativa quanto à criação de perfil específico para o CCBB.

“Se a cara imaginada for a de um centro dedicado às artes contemporâneas, às revisões dos clássicos, à produção local, etc., essa cara não vamos ter. O que buscamos é ser uma casa de qualidade e programação constante. O CCBB é um instrumento de marketing do Banco do Brasil, tem que ser interessante para ele, positivamente a imagem do

PÚBLICO

15 MIL

pessoas em média frequentam o CCBB mensalmente. A expectativa inicial era atrair entre 6 mil e 8 mil visitantes a cada mês

INVESTIMENTO

R\$ 5 MILHÕES

serão investidos pelo CCBB-DF na programação para o ano de 2002

BALANÇO

56

projetos foram apoiados pelo CCBB-DF neste primeiro ano

banco. Como se faz isso? Tentando realizar eventos de qualidade das mais diversas linguagens e segmentos”, diz Paulo de Tarso.

Diretor de *Colóquio Dentro de um Ser*, um dos espetáculos brasilienses apresentados este ano no CCBB, James Fensterseifer elogia o centro pelo que investiu na programação em 2001 (R\$ 5 milhões), mas estranha alguns procedimentos. “Eles pagam dinheiro hiperjusto pelo trabalho, mas cobram por uma lâmpada que queima. Na verdade, você recebe um bom dinheiro, mas tem de contratar técnicos para subir até as lâmpadas. Os de lá, só supervisionam. É novidade, à qual nós, de Brasília, estamos nos adequando”, diz Fensterseifer.

Outro problema que o público enfrenta se refere ao acesso ao CCBB, localizado em área servida por apenas uma linha (106), cujos ônibus passam em intervalos de uma hora. Paulo de Tarso alega ter tentado ampliar a oferta de ônibus para o centro, mas o Departamento Metropolitano de Transporte Urbano (DMTU) lhe respondeu em ofício, em maio passado, que “não havia demanda” para a região.